



entrevista com
marcello LINHOS

Entrevista com Marcello dos Santos Nunes (Marcello Linhos), músico. Nascido em Brasília-DF, em 28 de abril de 1972. Entrevista realizada na residência Vereda, Brasília-DF, dia 12 de maio de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Domingos: Marcello, você é de onde?

Marcello: Eu nasci em Brasília, sou brasiliense da gema. Nasci na Asa Sul de Brasília, nascido e criado. Continuo vivendo aqui, apesar de ter uma vida de viagens, toda semana eu estou na estrada trabalhando. Mas eu vivo em Brasília, sou de Brasília e amo Brasília!

Domingos: E como foi, na infância você já teve contato com música?

Marcello: É. Desde criança que a música me interessou, primeiro como um ouvinte, porque eu peguei a onda dos meus pais que ouviam muita música em casa. A gente tinha muitos LPs e fui me apaixonando pela música e principalmente pela música brasileira. Então eu ouvi muito Geraldo Azevedo, eu ouvi muito Rolando Boldrin, eu ouvi muito Papete, eu ouvi muito Luiz Gonzaga... E depois, na adolescência, caí pro rock. Então comecei a tocar heavy metal - como todo adolescente, a gente quer coisas novas. Foi meu começo na música, com instrumento. Então eu comecei a tocar guitarra, montei uma banda de heavy metal, gravei discos, fiz muitos shows. Mas, mesmo nessa época, eu mantive a paixão pela música brasileira. E junto com a guitarra eu comecei a descobrir a viola. Na verdade, a viola que me descobriu! Parece frase de violeiro, mas é verdade! A viola... "Você não escolhe a viola, a viola que te escolhe" - uma máxima dos caipiras. Viola não se aprende na escola... E comigo aconteceu realmente assim. A viola... Um dia apareceu na minha casa uma viola. Eu estava trabalhando numa peça de teatro e sobrou uma viola. De repente essa viola me foi dada, ela apareceu na minha cama. Eu falei, "mas o que é isso?" "Sobrou lá da peça de teatro"... [\[Dedilha a viola.\]](#) E no primeiro acorde eu simplesmente me apaixonei pela viola. Por já tocar guitarra, comecei logo a compor umas coisinhas e daí a viola me abraçou. E eu fui aos poucos deixando tudo de lado, revivendo as coisas do passado, redescobrendo as coisas da música brasileira, da música regional, revendo a minha família, revendo as minhas raízes... E daí pra frente eu não deixei mais, ela não me deixou mais. Eu coloco numa música minha: não se escolhe a viola, ela que faz opção. E pra mim foi verdade isso.

Domingos: E a sua família, ela é de onde?

Marcello: A minha família, o meu pai é sul mato-grossense e a minha mãe é de Goiás. Então toda a minha família veio de Minas, Goiás, tem uma parte do sul do Mato Grosso e do interior de São Paulo. Ou seja, terra de viola, terra de música regional. Terra de boa música. E isso sempre esteve dentro de casa, acabei absorvendo isso de alguma forma.

Domingos: E na sua família, tem notícia de violeiros?

Marcello: Tem, o meu bisavô. Quem me conta essa história é meu tio e minha tia, que dizem que ele era um exímio violeiro. E que a violinha dele, depois que ele faleceu, ficou jogada num canto e um dia foi encontrada só de cupim. E nenhum registro se tem disso, se perdeu. Eu estou revivendo um pouco o que ele fez de alguma forma, porque acho que não só a música, mas na vida, a gente traz energia de todos os lados, de onde a gente menos espera. E acho que esse amor pela viola não vem de hoje só. Não é piegas falar isso. É uma sensação que vem... Que parece que vem de antes realmente. Então, não tenho ligação direta com músicos violeiros da minha família, mas de alguma forma eu absorvo toda essa caipiridade que a minha família tem! [\[Risos.\]](#)

Domingos: E como foi crescer em Brasília, essa cidade com pessoas de tudo quanto é lugar?

Marcello: Pois é, eu sou apaixonado por Brasília. Eu nasci aqui, eu vi a cidade crescer, Brasília é um lugar que está colocado no centro do cerrado. Então a gente tem realmente uma natureza única. E a gente viu a cidade crescer, o concreto subir no meio de todo o cerrado. Então a natureza sempre esteve presente na minha vida e na vida de todo brasileiro. É uma cidade que abraça quem vem de fora e também que tem muita cultura a ser descoberta. Porque o cerrado central, ele é muito antigo, é um dos lugares mais antigos do mundo. O cerrado em si é uma savana antiquíssima. Então, a cidade no meio disso, uma cidade moderna em cima de uma savana milenar... A gente sempre vai ter pontos a se descobrir, pontos a abraçar. E dentro disso Brasília fez sentido pra mim. Seja na época do rock seja agora, na época da viola, onde eu tenho campo pra buscar, pra beber em qualquer fonte. Então, se quero me inspirar é só eu olhar pro lado e me inspiro num buriti. Mas se você quer fazer rock você está numa cidade moderna, numa cidade jovem, com um bocado de gente falando novas línguas. Então, Brasília é pequena e grande. Ainda pequena, ou já muito grande... Sei lá! *[Risos.]*

Domingos: **Você foi se aproximando da viola depois que deixou o rock? Como foi?**

Marcello: É, já na época do heavy metal eu comecei a fazer aulas de viola e a comprar o muito pouco da literatura que existia. Comecei a consumir e aí me deparei com o maior violeiro que eu posso imaginar, que é o Roberto Corrêa. Quando descobri os livros do Roberto Corrêa, me lancei atrás de conhecê-lo. E fui ao encontro dele, comecei a conversar com ele e pedir aulas e toques, e a gente acabou ficando amigo. Hoje somos amigos e ele me abriu o mundo da viola. Depois eu comecei a estudar com ele. Eu o considero meu mestre - acho que nem poderia falar isso, porque não me julgo à altura, mas eu considero ele um mestre. Ele me apresentou muito mais do que as dez cordas, sabe, muito mais do que ponteados. Ele me abriu a cabeça com relação ao instrumento, das possibilidades do instrumento. E isso casou muito com o que eu vivia na época, que era o mundo do rock, da guitarra. De uma certa forma ele me ensinou que você não precisa deixar uma coisa pra ter outra, e que você não precisa nascer caipira pra tocar viola caipira. E você pode trazer toda e qualquer influência pra viola, se você quiser. E eu quis assim. Então, com esse mundo aberto eu não tive que deixar a guitarra, não deixei. Mas me dedico à viola. Não toco mais rock, mas uso a guitarra hoje pra compor trilhas sonoras. Como eu tenho um grupo de teatro, componho muitas trilhas sonoras pro grupo com a guitarra. Uso a viola também, mas basicamente uso muito a guitarra. Então, os mundos se juntam, porque é música, não é? Esse meu disco traz um pouco disso, da gente quebrar um pouco dos preconceitos de falar: "Ah, você é violeiro então você tem que ser caipira. Então, quem é o seu pai? De quem e de onde veio isso?" Não. Veio de um amor que eu descobri e eu estou muito a fim de tocar viola - e vou tocar! *[Risos.]* Entendeu?

Domingos: **Com o Roberto [Corrêa] você teve contato na Escola de Música de Brasília?**

Marcello: Sim, eu fiz cursos de verão na Escola de Música com o Roberto, que foi a minha grande escola. Quando o Roberto foi lançar "A arte de pontear..." eu era aluno da Escola de Música e estava numa fase de estudar muito partituras. E recebi um convite do Roberto: "corrigir meu livro". Corrigir as partituras, ver se o que ele escreveu à mão estava certo com o que foi digitalizado. Então, eu estudei o livro do Roberto inteiro antes dele ser lançado, essa foi minha grande escola. E contatos sempre periódicos com o Roberto, que é um cara que entrega a arte dele, o estudo dele, com total desapego. É uma figura incrível nesse sentido. E com ele eu tive muito contato na Escola de Música, nos cursos de verão e

contatos pessoais fora, na casa dele e tal. A gente sempre se encontrou e eu sempre aprendi muito a cada palavra dele, a cada olhar. Às vezes num olhar ele falava: “isto talvez não esteja tão bom...” Ou em um olhar ele falava: “pô, é legal isso, vai por aí”. E eu sigo isso, levei isso no meu coração, ele é realmente o meu mestre. A primeira música do meu primeiro disco eu dedico a ele. E não é que ele pontei comigo no disco? Me deu esse prazer de estar comigo. Então é tudo de bom!

Domingos: E como você vê a importância da Escola de Música de Brasília ter um curso de viola caipira?

Marcello: Pois é, a Escola de Música é um lugar diferente e mágico. A Escola de Música de Brasília, ela une o erudito com o popular, ela tem esse núcleo popular muito forte e eles se misturam. O curso de viola da Escola de Música é uma oportunidade pra quem quer conhecer e pra quem quer descobrir um novo instrumento. É uma oportunidade de ouro porque você tem toda uma gama de professores de teoria e de todas as outras matérias, de história, e junto você pode fazer o instrumento que você ama, que é a viola caipira. Que infelizmente ainda é tratada de forma pejorativa no Brasil. A viola é o primeiro instrumento de cordas que chegou no Brasil. A viola tem, vai lá, quinhentos anos a mais do que o violão. E ela às vezes é tratada de forma menor. Talvez porque um grupo ou outro, uma vertente ou outra musical tenha levado ela pra um lugar popular, no sentido raso da palavra. E aí ela ficou esquecida. Ou talvez porque a história quis assim... Ou talvez porque o violão se tornou tão grande e apagou um pouquinho a luz da viola. Então esse curso da Escola de Música e todos os jovens violeiros - e aí eu me incluo nisso, de fazer sons novos com a viola - isso junta todo mundo e tenta trazer e traz esse instrumento de volta à tona. E a Escola de Música, com um curso de viola, é uma luz, não é? Em Brasília e tem em outros lugares do Brasil também. Curitiba também, São Paulo, interior de São Paulo, Campinas, grandes violeiros à frente trazendo gente nova, formando gente nova falando da viola.

Domingos: E essa música que você fez em homenagem ao Roberto [Corrêa], lembra um trequinho?

Marcello: Lembro!

Domingos: Um trequinho ou inteira...

Marcello: Sim. Nessa música, eu apresento a viola para as crianças. Esse meu disco é um disco infantil, é um disco de viola e de cerrado pra crianças. Apresento nesse disco a cultura caipira, a viola caipira e o ambiente do cerrado, o aspecto biológico do cerrado. Então, nessa música eu falo do Roberto [Corrêa] - além dele pontear -, eu falo dele quando digo que o meu mestre me ensinou. Vou cantar pra vocês!

[Canta e toca na viola caipira a música “Violinha Caipira”, de sua autoria]:

Você conhece a viola, menino? Viola caipira

Você conhece a viola, menina? Viola caipira

São dez cordas de aço num braço de pau

Corpo de pinho, som sem igual

Viola brasileira

Nascida em Portugal.

*O meu mestre falou que a viola tem alma
Que a viola chora, que a viola fala
Tem gente que diz que a viola é encantada
Por cobra coral e até por fantasma.*

Viola, viola, viola, ai ai, viola.

*Dez cordas de aço no braço de pau
Corpo de pinho, som sem igual
Viola brasileira, nascida em Portugal.*

*Viola de arame, viola toeira,
De festa, de pinho, viola de feira*

*Viola cabocla, dinâmica, mística
Viola chorosa e de cintura fina
Viola de dez e de dois corações,
De Queluz, Serena, viola dos sertões,*

*Viola brasileira,
Do Divino, da terra e de Reis.*

*Viola é viola, não é violão,
Fez guerra e paz na cidade ou sertão.
Não se escolhe a viola,
Ela que faz opção.*

*Você conhece a viola, menino? Viola caipira.
Você conhece a viola, menina? Viola caipira.*

*São dez cordas de aço num braço de pau,
Corpo de pinho, som sem igual,
Viola é brasileira,
Mas nasceu em Portugal.*

Marcello: É viola! Eu fico emocionado...

Domingos: Marcello, por que fazer um disco falando sobre viola e sobre o cerrado, pra criança?

Marcello: Bom, esse é o ponto que me motivou. Esse é o ponto que me levou a compor esse disco: as crianças. Eu tive dois filhos e quando os meus filhos nasceram eu notei a falta de literatura de viola, a falta de literatura de cerrado para as crianças. O cerrado, a maior savana, de uma importância imensa, ainda por ser descoberto. Não se tem nada pra criança sobre ele, ou se tem pouco - e de viola muito menos. Cansei de ver menino falando assim: "ô tio, que violãozinho engraçado!" "Não é violão, isso é viola!" Então me veio a necessidade de falar para os meus filhos e para as outras crianças sobre esse instrumento e sobre essa vegetação que a gente vive. Porque eu notei que os meus filhos - e notava nas outras crianças - que às vezes elas estavam fechadas dentro do carro ou dentro de casa sem olhar

pro lado, sem notar que ali tem um buriti, que tem um jatobá, que são árvores mágicas, com frutos deliciosos, sabe, com histórias mágicas. E eu não encontrava, como pai, muita literatura e muita música sobre isso. Daí veio uma necessidade: “quer saber? Eu vou compor, eu vou falar, eu vou levantar essa bandeira”. E daí nasceu o projeto *Violinha caipira*, que fala de viola, de cultura do cerrado e de cultura caipira para as crianças. Então foi uma necessidade de dentro de casa, primeiro. E como adulto eu também encontrava esse hiato, essa falta de material. Quando comecei a estudar, eu só tinha o livro do Roberto Corrêa que era um livro antigo, antes dele lançar *A arte de pontear...* Era um livro antigo e só tinha aquilo, não tinha quase mais nada. Aí eu tinha que ir catando e catando... E falei: “e pra criança?” Pra criança quase nada, quase nada. Hoje em dia já tem mais, as pessoas estão se movimentando, a viola está crescendo, está deixando de ser um instrumento menor. Ela daqui a pouco será um instrumento inclusive maior! Então essa minha necessidade veio de dentro de casa, a minha inspiração são as crianças, realmente as minhas.

Domingos: E como foi o processo de criação dessas músicas? Como é cantar o cerrado?

Marcello: Nossa... Olha, eu levei quatro anos e meio pra gravar esse disco. Eu compus com muita calma, eu disse com muita calma o que eu queria dizer. Eu visitei os lugares que queria cantar. Compus debaixo dos pés de árvores que eu canto. Eu realmente vivi o cerrado, me embrenhei no cerrado pra conseguir tirar dele a cultura que eu queria expressar. Levei muitos anos pra gravar esse disco, primeiro porque estava aprendendo também a escrever, a cantar e a tocar. E porque eu queria mostrar um jeito novo. Mas também porque só me dei por satisfeito quando consegui sentir que da caixa de som saía amor, saía energia. Enquanto fosse só música, eu não queria. Tinha que ser música com espírito. E com sorriso, com alegria. E eu fiquei em busca disso, eu e o meu produtor, que é o Andy Costa, a gente entrava no estúdio e não saía. E se não saísse amor a gente jogava fora. Então esse processo levou muitos anos, porque eu quis fazer do jeito que eu queria, ou seja: contratar o músico que eu queria, fosse o preço que fosse. Contratar o arranjador que eu queria, esperando ele abrir uma brecha na agenda dele. Gravar com os melhores microfones e com os microfones que conseguiam expressar o que eu estava cantando. Então toda essa técnica, toda essa junção de músicos, toda essa produção, demorou muito tempo. E a composição veio junto com isso, a música foi crescendo junto com a gravação. Do jeito que eu acho que tem que ser, do jeito que as grandes bandas faziam. Eles se embrenhavam numa casa e compunham, sem pressa, com calma... O dinheiro é detalhe. “Eu tenho um dinheiro que dá tantas horas de estúdio e tenho que gravar nesse tempo”. Não, eu fiz o processo inverso: eu pensei primeiro na música. Fui com calma, fiz testes, gravei demos, testei microfones, testei músicos. Escolhi a dedo os músicos, escolhi a dedo o arranjador e escolhi a dedo também as pessoas que participaram do meu disco. Que foram pessoas que me encantaram e que de certa forma me ensinaram a cultura caipira. Primeiramente o Roberto Corrêa, já falei dele, mas posso falar mais! *[Risos.]* Depois vieram as Irmãs Galvão, que é uma dupla de duas lindas mulheres que me encantaram muito e eu recordo com muito carinho o show que eu vi delas aqui em Brasília. E que eu fiquei apaixonado pela voz delas, então eu as chamei pra vir pro meu disco e elas toparam. Depois tem o Zé Mulato e Cassiano que também é da minha cultura, é de Brasília, e traz também o humor pra junto da música. E o Badia Medeiros, que é um dos maiores catireiros, um mestre violeiro, que canta comigo uma catira. Então toda essa produção levou muito tempo. E a composição que você me perguntou, ela está junto em cada um dos processos. A composição do arranjo das

vozes, a composição da música em si, da letra, isso foi se modificando durante todo esse processo.

[Canta e toca na viola caipira a música “Cerradim”, de sua autoria]:

*Vem meu bem, vem ver a flor
que nasceu no meio do quintal
Jatobá que caiu brotou
Ingazeiro floriu todo
E tem pequi carregadinho
O céu tá assim de passarinho*

*Quaresmeira já roxeou
Copaíba muda de cor
Na seca o ipê dá flor
Branco, rosa e amarelo
Tem araçá, tem cajuzinho
Vou deixar uns pros passarinhos*

*João de Barro que anda no chão
Bem-te-vi eu já vi uns três
Beija-flor que cabe na mão
Pica-pau, maritaca e anu
E o tiziuzinho deu três pulinhos
Vem ver meu bem tá cheio de ninho*

*Vem meu bem, sai desse mocó
Vem pras margens do tororó
Tem piaba, tem cururu
Buriti, borboleta azul
Mas vem, vem sim que aqui tá fresquinho
Tem fruta flor, tem passarinho no cerradinho.*

Marcello: Essa música é um convite para as crianças, pra abrirem os olhos pra natureza que está em volta. E é um convite também pra que os pais convidem as crianças, dêem as mãos para as crianças e saiam pra um passeio pro cerrado. Descobrir esses bichinhos e essas plantas que eu cantei.

Domingos: Tem um texto lindo no CD que fala dessa importância do cerrado, das aves. Você pode falar um pouquinho do conteúdo?

Marcello: É, eu não juntei só músicos legais nesse disco. Eu juntei também artistas incríveis, uma delas é a Nurit [Bensusan]. A Nurit é uma bióloga e é uma escritora que fala do cerrado pra criança. Então ela se juntou ao meu projeto - e eu a amo por isso. Ela falou de aspectos biológicos do cerrado e aspectos curiosos como, por exemplo, o aspecto das águas - que nascem aqui no cerrado, no centro do Brasil. Essas águas formam as maiores bacias do Brasil. Então, por exemplo, quando um índio está tomando banho num rio da Amazônia, naquela água tem cerrado; um jacaré nadando num rio do Pantanal, lá tem cerrado; ou na capital de São Paulo, quando um menino toma um copo d'água, naquela água tem cerrado.

Então é muito importante que a gente cante o cerrado, que a gente cante as águas do cerrado, que a gente cante a natureza do cerrado. Porque a gente precisa preservar o cerrado. E cantando a gente conhece mais, conhecendo mais a gente ama mais e amando mais a gente preserva mais. E por isso esse disco pra crianças, pra que elas conheçam, pra que elas cantem, pra que elas amem, pra que elas preservem realmente. Porque não só o Brasil, mas o mundo inteiro necessita das águas, necessita da natureza preservada. É lógico que a gente tem que produzir, mas que possamos fazer isso com inteligência, com equilíbrio. Então também tem vários aspectos biológicos no disco. No disco impresso, no encarte, muitas fotos também do Nick Elmoor que também é um artista apaixonado pela natureza. Então ele fez cliques sensacionais de aspectos biológicos. Isso pra dar um panorama geral, não só musical para as crianças. Eu não quis fazer um disco didático: “*Preserve a água, porque é legal... Porque senão a gente morre.*” Não. Eu cantei as belezas e falei das importâncias, sabe? *[Risos.]*

Domingos: Por que você acha que o cerrado ainda é um grande desconhecido?

Marcello: Pois é, por alguns motivos, o primeiro é que ele deu um azar danado. E aí eu me inspiro na Nurit: o cerrado deu um azar danado, ele nasceu no país que tem alguns dos biomas mais exuberantes do mundo. O cerrado nasceu no país que tem a Mata Atlântica, o cerrado nasceu no país que tem a Amazônia, que tem o Pantanal... Sabe? E o cerrado, ele é tortinho, ele é baixinho, ele seca, ele pega fogo. Então isso, esse aspecto menos belo - que eu não acho, deixar claro que eu não acho, pelo contrário, eu o acho o mais belo. Mas esse aspecto visto pelas outras pessoas que adoram a Amazônia e a Mata Atlântica, quando chegam ao cerrado e vêem aquelas árvores baixinhas, retorcidas, secas, eles falam: “ó, passa a faca nesse mato, passa a patola e vamos plantar soja, aqui que é bom de plantar, não dá nem trabalho de derrubar”. Então, esses dois aspectos foram cruciais pra criar essa cultura de que o cerrado é menor. E o cerrado não é menor, o cerrado é um bioma importantíssimo ainda por se descobrir, de árvores... De todo o bioma. E se a gente não correr com isso a gente vai perder o cerrado. Cinquenta por cento do cerrado já foi desmatado. Cinquenta por cento do cerrado já foi desmatado. E o cerrado é um pouco mais frágil do que as outras savanas, do que os outros biomas. Os animais do cerrado precisam de muito espaço pra viver. Então, quando a gente corta um pedaço do cerrado, o lobo-guará... Ele precisa caminhar. Então quando ele encontra uma plantação, os animais vão ficando presos ali nos pedacinhos do cerrado que ainda resta, nas ilhas de cerrado. Então é preciso que a gente plante, que a gente produza, porque o mundo precisa, mas que a gente consiga equalizar isso e trazer a importância do cerrado pra que ele não seja simplesmente cortado, trocado por culturas.

Domingos: Tem um negócio branco na sua unha, o que é isso aí?

Marcello: Pois é cara, tem dois né? Eu sou craque de quebrar unha. Por conta disso desenvolvi uma técnica de colar unha. Me atrasei pra entrevista porque eu quebrei a unha...*[Risos.]* Aí eu tenho uma técnica de colar unha. Depois, quem quiser eu ensino, ela funciona bem! Fica dura.

Tati: Pode ensinar agora?

Marcello: Posso ensinar...

Domingos: Revelar o segredo?

Marcello: É, eu juntei várias técnicas de que tinha ouvido falar, inclusive é parecido com a do Roberto, mas eu não uso os mesmos materiais que ele. Quando a unha se quebra eu tento não a deixar ser arrancada totalmente. Mas mesmo que for não tem problema, eu colo o pedaço da unha que quebrou em cima da unha que eu ainda tenho e passo *superbonder*. Lixo, lixo, lixo, lixo, ela fica lisinha, mas ainda fica alta. Depois eu pego um *bandaid*, um *bandaid* que tem aquela parte do meio, aquele algodãozinho, é uma trama bem fechada. Aí eu passo uma nova *superbonder* e colo esse algodão, que é esse branco que vocês estão vendo. Depois eu passo mais cola, lixo de novo, passo mais cola, lixo de novo, faço isso quatro vezes. Aí fica assim, olha, dá um close! *[Risos.]* Já tive muita vergonha disso cara, antigamente. Quando eu comecei a tocar viola, eu ficava com a mãozinha assim... “Oi, tudo bem?” Eu cumprimentava com a outra mão, assim. Tinha vergonha... Hoje em dia eu adoro.

Tati: E isso dura?

Marcello: Daí dura. Daí dura até quebrar de novo! Quando ela vai crescendo eu vou tirando o enxerto, aí ela volta a ser só unha mesmo, que é o ideal. Que é o ideal, mas aí não dura muito, comigo não dura muito. Ainda mais porque eu tenho uma outra profissão, além de músico eu sou diretor técnico de um grupo de teatro. Então sou responsável pela iluminação, pelo som e por toda a logística, cenários, desse grupo. Então estou sempre com a mão na massa. Então invariavelmente eu perco uma unha, mas vou dando meu jeito. Já tentei usar dedeira, não consegui, tem que ser na unha mesmo!

Domingos: Você tem uma história com dedeira, não tem?

Marcello: Tenho. Eu tenho uma história com dedeira, cara. Justo nessa época que estava descobrindo a viola... Se falasse o nome “viola”, eu ia. Era show, era palestra, era um professor fazendo um curso. Eu estava lá. E nisso eu fiquei sabendo que ia ter show de um violeiro, um mestre violeiro chamado Zé Coco do Riachão. E eu não conhecia, mas fui pra lá, fiquei sabendo em cima da hora. Quando cheguei no teatro, o teatro estava lotado. Era a sala Martins Pena do Teatro Nacional de Brasília. Estava lotado, abarrotado. Aí cheguei, consegui comprar o ingresso rápido e entrei. Quando entrei no show, lotado, falei: “é ruim que eu vou sentar aqui atrás”. Me piquei lá pra baixo, sentei na escada, no chão, de cara com o violeiro. E o show não começava, não começava. Nisso veio o produtor, entrou no palco, já o show atrasado, ele entrou no palco e falou assim: “alguém aí tem uma dedeira?” Silêncio. Teatro lotado, silêncio. “Gente, é sério”. Aí ele bateu no microfone: “gente é sério, alguém tem uma dedeira, o Zé Coco perdeu a dedeira dele.” Silêncio. E eu por acaso, antes de ir pro show, tinha passado numa loja de música e comprado umas dedeiras pra testar, porque eu estava descobrindo a viola, falei “eu vou ver se esse trem presta” e comprei várias dedeiras. E estavam no meu bolso, porque eu saí da loja e fui pro show. Aí eu levantei a mão, mas pensei “isso é uma pegadinha...” Aí eu levantei a mão: “eu tenho”. Aí ele, “pô, traz aqui cara! É verdade, o Zé Coco perdeu a dedeira dele. Você pode emprestar?” Eu falei: “lógico, eu poderia ter ela de volta no final? E poderia dar um abraço no Zé Coco?” Lógico. E assim foi feito, ele tocou com a minha dedeira, no final ele me chamou ao palco, me deu a dedeira e me contou uns segredinhos de viola que eu guardo até hoje... E esses eu não posso contar! *[Risos.]* E aí eu usei a dedeira pendurada no meu pescoço durante todos esses anos da gravação desse disco. Foi quase que um patuá, um amuleto. Quase que uma bênção do Zé Coco. E pra ele eu fiz uma música também. Como o disco é pra criança, quis falar de artistas que eles não conhecem, pra que eles possam conhecer, não é? Então eu fiz uma música pro Zé Coco... Tocar? Lógico!

[Canta e toca na viola caipira a música “Violeiro Folião”, de sua autoria]:

*Lá em Minas tem um riacho,
Riacho grande, um riachão
E no riacho um coqueiro que dá coco
Coquinho amarelo, coquinho babão.
O coqueiro é do Zé, Zé Coco do Riachão
Caipira de verdade, violeiro, folião.*

*Ele faz viola, ele toca viola
Viola caipira toda cheia de bolinha
Pontuada de dedeira, enfeitada com fitinha.
Zé Coco do Riachão.*

*Zé Coco do Riachão
Violeiro, rabequista, sanfoneiro, pandeirista.
É o Beethoven do sertão
Zé Coco do Riachão
Violeiro, rabequista, sanfoneiro, pandeirista
É o Beethoven do sertão
Zé Coco do Riachão
Rabequista, sanfoneiro, caipira verdadeiro
Violeiro, folião.*

Marcello: Essa história do Beethoven do sertão, olha que interessante. Quando eu fui ao show do Zé Coco, ele tinha quase setenta anos. Ele foi um artista que foi descoberto já muito tardiamente. As pessoas... Acho que é até uma crítica, a gente não dá muito valor ao que está do nosso lado, aos grandes artistas que não estão na grande mídia. E aí o Zé Coco foi descoberto muito tardiamente. Veio uma equipe europeia, como vocês, fazendo vídeos sobre a cultura do cerrado, do sertão. E descobriram o Zé Coco do Riachão lá no meio do sertão, do cerrado. E era um cara que fazia viola, que tocava viola, que tocava sanfona, que tocava pandeiro, que tocava, que construía os instrumentos, que tocava rabeca, que compunha, que tocava... Era um líder, um mestre de Folia. E ele foi descoberto por essa equipe da Alemanha, se não me engano. E quando eles voltaram pra Europa eles disseram assim: “descobrimos no Brasil o Beethoven do sertão.” Essa história me foi contada quando eu comecei a estudar viola, depois descobri e fui ao show do Zé Coco. Eu consegui conectar todas essas histórias e por isso que eu digo, “o Beethoven do sertão”, nessa música! *[Dedilha a viola.]* Que mais?

Domingos: Qual é a importância dos mestres violeiros, das mestras da cultura popular, da viola caipira?

Marcello: Pois é, principalmente na viola. A viola agora está sendo ensinada em escola, tem o curso de Brasília, e tem muitos professores surgindo no Brasil, muitos alunos que estão se tornando mestres. Então, de uma certa forma a viola está ficando na moda! *[Risos.]* A moda de viola está ficando na moda! Por outro lado, a viola ainda é passada de um para o outro essa cultura caipira ainda é passada de um para o outro. A cidade vai comendo o interior, o sertão, não só de natureza, mas também de cultura. E é importante que a gente conserve,

que os mestres conservem e que possam passar pros novos, um pouco dessa informação, pra que eles também recebam essa informação e reinventem e passem pra frente. Então, os mestres violeiros, os mestres da cultura caipira - que é mais do que a viola -, eles são de suma importância pra que essa história não se interrompa. E não se interrompa mais, porque já foi um pouco interrompida, não é? O rádio trouxe a viola, trouxe a música caipira, mas depois o próprio rádio foi responsável também por quebrar essa ligação do campo com a cidade. Porque veio o rock, veio o dance, veio o disco, vieram músicas que fizeram a cabeça da população e a música caipira foi ficando menorzinha. Quem queria tinha que ir lá beber, quem queria tinha que procurar. E os mestres não, eles fazem o caminho contrário. Eles vão falando, que seja de um em um, eles vão relembando de que essa cultura existe, que ela é linda e que ela não pode morrer. Então, essa foi a importância do mestre pra mim, do Roberto Corrêa pra mim. Eu era um apaixonado por viola, mas depois que eu fiz aula com ele eu falei: “a viola é muito maior... Ela é muito maior. Ela não é só um instrumento do sertão. Ela é um instrumento ponto. É um instrumento lindo, ponto. Ela tem uma história gigante. Ela não é um instrumento do caipira brasileiro, ela é um instrumento medieval, sabe? Ela é um descendente reto, puro, do alaúde, sabe? Um instrumento que talvez tenha sido o instrumento de corda mais popular da Europa, ali no século XIV, mais ou menos por aí. A viola foi proibida por lei em mil seiscentos e pouco lá em Portugal, porque ela era usada pelos violeiros para ludibriar as mulheres casadas! *[Risos.]* Aí um sujeito fez uma lei proibindo a viola, vê se pode? Proibir a viola!? E a viola continuou viajando, ela continuou se espalhando... Olha a força desse instrumento. Eu já fui várias vezes a Portugal ver a viola, sentir a viola, pesquisar a viola. E lá tem viola pra tudo quanto é lado, diversos tipos de viola, cada uma com um formato diferente, com uma afinação diferente. Um instrumento que foi pra guerra. Tem um texto histórico muito interessante de que quando Dom Sebastião, em mil quatrocentos e setenta, mil quatrocentos e alguma coisa... Quando Dom Sebastião foi à guerra contra os Mouros ele levou milhares de soldados, e ele perdeu a guerra. Inclusive ele morreu na guerra, Portugal ficou sem rei. Daí vem o sentimento sebastianista que tem a saudade de que o reino ainda vai voltar. E o que isso tem a ver com a viola? Isso tem a ver com um fato histórico relatado por um embaixador francês, se não me engano, que fala das dez mil violas que foram encontradas no campo de batalha, no despojo da guerra. Ou seja, os portugueses levavam não só as armas, levavam também violas - pra você ver a importância desse instrumento. E ela continuou até que chegou aqui, chegou no Brasil, se espalhou pelos quatro cantos do Brasil. No Nordeste a gente tem a viola dinâmica. No Paraná, no Sul do Brasil a gente tem outro tipo de viola, na Bahia a gente tem a viola de machete, que é uma violinha pequenininha que era usada pra samba. E no sertão, São Paulo, a gente tem a viola que trouxe essa música caipira pra gente... Que começou com cantos religiosos, festas religiosas, e isso foi traduzido pra viola com os cantadores. E daí nasceram as duplas. Mas isso é outra história...

Domingos: Essa sua viola, qual é a história?

Marcello: Ah, essa viola se chama Mística. É uma das que eu cito lá nos nomes da viola. Essa viola foi construída pelo Vergílio [Lima], que não é só um luthier, ele é um artista. Por conta das minhas viagens, por estar toda semana na estrada com o meu grupo de teatro, pedi pra ele que eu precisava de uma viola que viajasse mais fácil, que fosse menor, que conseguisse carregar nas costas. E aí ele me mostrou um violão chamado morfeus, que era um violão que abria, que dobrava e ele ficava pequenininho. Eu falei: “pá, vamos desenvolver isso”! E fomos desenvolvendo, ele foi criando e um dia me chamou lá. Eu peguei um avião, fui pra

Sabará, é ali do lado de Belo Horizonte, e ele me mostrou essa viola. Eu tinha pedido pra botar a mão aqui atrás, ele fez com madeira bem molinha. Ela tem o som pequeno, mas ela é amplificada, tem afinador. E é uma viola que foi feita nos moldes do meu dedo. Foi decorada pela filha dele com essa marchetaria. *[Afina a viola.]* Pois aí, quando eu vi a viola, falei: “nossa”! Toquei nela, ela já grudou em mim, eu grudei nela. E a filha do Vergílio que faz essa marchetaria, ela que deu o nome pra viola. Falou: “ó, eu dei o nome, se você não gostar pode mudar, mas ela se chama Mística, que é uma personagem dos X-Man que se transforma e tal”. *[Risos.]* Então ela é uma viola transformada, a mão está aqui, tal... E essa é a Mística. Batizada e crescendo.

Daniel: Você coloca guizo na viola?

Marcello: Não. E tem um motivo. Eu canto o cerrado, canto a natureza e canto a preservação da natureza. Eu não tenho nada contra violeiros que usam, essa é uma tradição, ela tem que ser respeitada, mas eu fiz a minha opção de não usar nada de bicho que possa incentivar a matança de qualquer que seja o bicho. Eu era doido pra usar um guizo, cara, eu já tive um guizo e não coloquei. Eu já tive couro de cobra que morreu atropelada ali perto de casa, eu tirei o couro, falei: “vou fazer uma correia estilizada”. Depois pensei: “peraí!” Aí eu vou de alguma forma falar para as pessoas: “matem cobras e façam correias”. E a gente vê tantas notícias de crueldade com animal... Que eu decidinão usar guizo, mas eu queria muito. *[Risos.]* Eu queria muito. Já pensei em fazer um guizo de plástico, alguma coisa, um dia eu ainda vou fazer. As minhas bênçãos são outras, é a dedeira do Zé Coco... Mas eu respeito muito quem usa, isso não é uma crítica aos violeiros que usam não. É só uma opinião pessoal.

Domingos: Eu soube de uma história que você levou um choque aí?

Marcello: Foi. Cara, eu levei um choque de 380 volts. Enquanto eu me preparava pra fazer um show de heavy metal. E não foi em tomada, eu tomei um choque no microfone. Eu estava segurando a guitarra e fui colocar o microfone na posição da minha boca. Quando eu toquei no microfone eu aterrei 380 volts. Então eu fiquei grudado e paralisado por alguns segundos. Você entra em outra dimensão, o choque treme, te mostra uma outra realidade. Mas eu tive um lampejo de consciência de que não poderia cair, se eu caísse eu morria. Então eu consegui chegar perto de algumas pessoas, não sei que grito que eu consegui dar, essas pessoas notaram o meu desespero e chutaram os cabos e desligaram os amplificadores e eu desgrudei na hora. A minha mão abriu inteira, o meu dedo abriu... Pode falar coisas assim? Abriu mesmo, dava pra ver o osso... E o corpo todo foi pipocando de dentro pra fora, porque o choque percorre os tendões, não é? E aí eu fui pro hospital, o médico me deu uma notícia ótima. Ele falou: “olha, beleza, a gente vai tratar, mas aonde ficar preto a gente vai ter que cortar. Daqui uma semana, duas semanas, três semanas a gente vai vendo, o que ficar preto a gente corta.” Falei: “Nossa!” Vivi nessa... Eu tenho as fotos. Apesar de eu estar num show de rock, olha as ligações... Apesar de eu estar num show de rock, nas fotos estou com as unhas grandes, porque a viola já estava ali no meio. E por sorte, eu trabalhava num hospital na época, eu era o iluminador de um hospital, tinha um teatro dentro do hospital, do Sarah Kubitschek, e eu trabalhava no Sarah Kubitschek. E então eu fui tratado diariamente pelos médicos, pelos enfermeiros lá, isso talvez tenha sido o diferencial para que tudo voltasse ao normal. Ficou meio, dá pra ver aí? Dá o zoom! Ficou meio... Tem umas marcas assim de queimadura, mas funciona direitinho. Dá pro gasto! *[Risos.]*

Domingos: O Oliver Sacks fez aquele livro, “*Alucinações musicais*”, em que acontece alguma coisa com a pessoa, às vezes um choque, e ela passa a ter uma aptidão musical. Aconteceu alguma coisa nesse sentido?

Marcello: Não, não, não. Mas a conversa é boa que rola por aí. Eu encontro amigos, eles falam: “porra, tá na viola caipira agora metaleiro? Foi aquele choque?” Eu falei: “é, foi, foi, foi.” “Cortou o cabelo, foi o choque?” “Foi, foi.” “Traumatizou?” “Foi.” Depois de vinte anos, a banda acabou, e agora, em 2017, fizeram um documentário sobre a geração dos anos noventa, das bandas de rock. E convidaram a minha banda e as bandas irmãs que na época formavam o cenário. Raimundos, Little Quail, Mascavo, todas as bandas dos nossos amigos. E lançaram esse documentário, que é um filme, e convidaram a gente pra fazer um show. E eu, depois de vinte anos fui lá, fui fazer o show, desenferrujei a guitarra e fizemos o show. Só que no final eu quebro uma guitarra. Falei cara, eu sempre quis quebrar uma guitarra, eu vi o Jimmy Hendrix quebrando guitarra, todo mundo quebra guitarra, eu vou quebrar uma guitarra, uma guitarra caríssima, de dez mil dólares. Mentira, comprei por cem reais! *[Risos.]* Mas não conte pra ninguém, isso não... *[Risos.]* Aí eu, pá, quebrei a guitarra no fim do show. Uau, todo mundo: “tá louco, o Linhos tá louco, o Linhos tá louco”. Aí saí do show, fui tomar uma cerveja, alguém falou assim: “rapaz, aquele choque te deixou revoltado mesmo! Quebrou a guitarra! Agora só viola?” Falei: “É, só viola agora!” Mas não aconteceu nada nesse sentido não, a viola já tinha tomado conta da minha vida, a música em si. E o trabalho com o teatro também. E o rock, o heavy metal tinha perdido espaço. Não no meu gosto pessoal, que eu continuo gostando, ouvindo muito, mas no fazer música já não fazia sentido pra mim.

Domingos: Tem essa coisa, Marcello, de que se fala que Brasília é a Capital do Rock, como você vê isso?

Marcello: Ah, eu vivi os anos noventa... E eu vivi os anos oitenta da *Legião*, da *Plebe Rude*, do *Capital Inicial* e de todas as outras bandas. Algumas ficaram, entraram pra grande mídia, outras não. Eu vivi essa época como expectador, e vivi a época dos anos noventa como músico. A minha banda se chamava *Restless*, incansável. É uma banda que conseguiu uma certa projeção nacional, a gente tocou em quase todos os estados do Brasil, fizemos muitos shows. E junto com essa geração vieram nomes como *Raimundos*, como *Little Quail*, como *Mascavo*, *Pravda*, várias bandas que ditaram um pouco a regra do rock nacional depois de *Legião* e *Plebe Rude*, que também elas mostraram um pouco de uma cultura diferente e que passou a ser seguida no resto do Brasil. Não que nos outros lugares não tinham músicas autorais e de identidade, tinham sim, mas Brasília comandou um pouco esse cenário. Então ela foi sim a capital do rock pra mim, eu vivi isso, dos anos oitenta e noventa, e foi importante na formação até da cultura do rock do Brasil. *Raimundos* é a prova disso, até hoje os caras estão lotando estádios e tal, levando um som feito em Brasília e que é um som que também tem a mistura. A *Plebe Rude* misturava Brasília nova com o som que os caras ouviam nos Estados Unidos e na Inglaterra. *Raimundos* misturou Brasília com o que eles traziam das famílias que moravam no Nordeste, então isso fez do rock de Brasília um rock diferenciado. Então na minha opinião foi sim, a “Capital do Rock”.

Domingos: Você se sente candango? O que é candango?

Marcello: O candango foi uma palavra usada pra denominar as pessoas que vieram de outros estados construir Brasília, trabalhar em Brasília. Então uma pessoa como eu, que nasceu em Brasília, ela a princípio não pode ser chamada de candanga. Mas eu me considero

candango sim, um nome bonito, não é? De onde você é? Sou de Brasília. Ah, sou candango, sim. Então candango é uma palavra que era usada assim, mas hoje ela é usada também pra dizer de quem é de Brasília. Eu sou nascido aqui, então eu sou brasiliense. Minha mãe é candanga, minha mãe é pioneira de Brasília, veio morar antes da inauguração em Brasília. Ela morava aqui num bairro bem pertinho que se chama Núcleo Bandeirante, que na época se chamava Cidade Livre. Então ela veio com a família dos meus avós e ela é candanga, ela é pioneira. Meu pai também, meu pai veio do Mato Grosso do Sul. Eles são candangos. Eu também sou!

Daniel: Você se sente caipira?

Marcello: Sim. Da mesma forma que me sinto candango. Por quê? Porque o ser caipira, eu quebro um pouquinho isso... Isso é uma concepção pessoal, eu quebro um pouquinho isso, de que você só é caipira se nasceu no sertão e se fala enrolado. Não, nada disso: eu sou de Brasília, nasci na década de setenta, tenho influências caipiras da minha família e toco viola caipira - isso me trouxe pra dentro da cultura caipira. Então sou muito caipira não só na música, mas no viver também. No amor à natureza, no amor à família, sabe? Na forma de compor. Isso é ser caipira. Essa história desde a época do rock me chateia muito... “Ah, você não nasceu nos Estados Unidos, por que você escuta bandas americanas de rock?” Pô, eu escuto porque eu gosto. “Por que você com a sua banda de rock canta em inglês e tem um som pesado? Por que você não faz música brasileira?” Porque eu quero, porque eu sou metalheiro. Da mesma forma que eu toco agora viola caipira, estou dentro desse mundo - há mais de vinte anos que carrego esse instrumento pra onde eu vou. Ele faz parte da minha vida. Eu não quero dizer que depois de vinte anos, “ah, agora eu sou um exímio violeiro”. Não. Eu quero compor, quero falar pela viola. Isso me faz caipira, isso faz de mim caipira. Sou caipira, sim senhor!

[Canta e toca na viola caipira a música “Caipira de Fato”, composição de Adauto dos Santos]:

*Eu sou caboclo, tô chegando lá da roça
Inda falo virge nossa, eu ainda digo uai
Sou sertanejo, num me nego e faço gosto
Tá escrito no meu rosto, só não enxerga quem não quer.*

*Eu sou aquele cheiro doce lá da mata
Água limpa da cascata, o verde dos cafezais
Modéstia à parte, sou o som daquela viola
Que um caboclo consola quando o acorde se faz.*

Marcello: “Caipira de fato”, Adauto dos Santos. Ele compôs essa música pra Inezita Barroso. Eu regravei essa música, não lancei ainda, pro meu novo projeto que se chama “Duos”. Eu vou sempre tocar músicas de viola, modas de viola como essa, algumas das modas são centenárias, inclusive. E sempre acompanhado de um outro músico, um pianista, um flautista e um violonista, essa é uma das músicas.

Domingos: Pode fazer aquela valsa pra gente, ou um trequinho dela, que ela é tão linda...

Marcello: Posso. Essa música também está nesse projeto.

[Canta e toca na viola caipira a música “A Rosa”, composição de Conde Afonso Celso Júnior]:

*Rosa colhia sozinha
Lindas rosas no jardim
E nas faces também tinham
Rosas da cor de carmim*

*Ceguei e disse: ó Rosa,
qual destas rosas me dás?
As das faces primorosas
Ou as que colhendo estás?*

*Ela fitou-me sorrindo,
De leve se enrubesceu
E bem ligeira fugindo
De longe me respondeu*

*Não dou-te as rosas das faces
Nem as que trago na mão
Daria se me estimasses
As rosas do coração.*

Marcello: Linda essa moda, não é? Mais de cem anos essa moda...

Domingos: Pra você o que é a memória?

Marcello: A memória no sentido amplo, musical, como assim?

Domingos: No sentido amplo...

Marcello: A memória... Ela me conectou com a música. Se você me pergunta no sentido amplo, eu vou pro lado da música. A memória fez com que eu redescobrisse sons, que eu redescobrisse um interior que fica guardado às vezes esperando ser pinçado. Essa memória é uma memória que vem desde a infância, desde antes de você ser criança, da pré infância, e que você vai colocando tijolinhos, você vai compondo um quebra-cabeça que vai ficando guardado dentro de você. A memória pra mim se parece com isso, é como se fosse um quebra-cabeça ou tijolinhos que você pode pegar a qualquer hora, ou que aflora a qualquer momento. No caso da música isso aconteceu. Esse lugar que a gente está sentado agora é um lugar mágico pra mim. Quando compus uma das músicas pro meu primeiro disco, “*Violinha caipira*”, eu me lembrava daqui, desse lugar. As árvores cresceram um pouco, mas olhando ali pra trás eu conseguia ver o buritizal. Então quando eu falo do buriti e das veredas, eu estou falando daqui, dessa casa, que aliás é a casa dos meus tios queridos que se chama Vereda. Então esse tipo de memória que vem de quando eu tinha dez anos, doze anos, criança mesmo, correndo pra lá e pra cá... Essa memória faz sentido quando eu consigo pinçá-la. E ela foi pinçada realmente quando eu comecei a compor. Estudei sobre o buriti, sobre as sementes que nascem... Que caem no leito dos rios, que viajam e só a água consegue acordá-las. Se uma semente de buriti cair aqui ela não nasce, ela precisa ficar afogada na água, viajando... Para que a água a amoleça e que a água a leve pra um cantinho de rio - e lá ela consegue nascer, lá ela se desperta. Quando eu estudei toda essa história a memória me trouxe de volta pra cá. Ela me trouxe de volta pra cá... Essa eu não tive que pinçar, ela voltou pra mim. Memória.

Domingos: E o que é a vida?**Marcello:** *[Pausa.]* A vida?*[Canta e toca na viola caipira a música “O que é, o que é?”, composição de Gonzaguinha]:*

*Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz
Eu sei que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita: é bonita, é bonita e é bonita!*

Marcello: *[Risos.]* Eu demorei pra responder, não porque eu não soubesse o que é a vida, eu sei o que é a vida. Eu ia te dar uma resposta filosófica, mas pensei: “pô, qual era o tom daquela música? Como é que ela começa?” *[Risos.]* Por isso que demorou um pouquinho. Isso é a vida. A vida é aprender, cara.

[Canta e toca na viola caipira a música “Menino”, de sua autoria]:

*Não tenha medo do começo, menino
vai andando devagar
Gasta paciência e coragem, menino
E vontade de inventar
Descubra do que você gosta, menino
A vida é feita de aprender
Amigos são de se guardar, meu menino
Têm coisas que são de esquecer.*

Marcello: A vida é sempre começar!**Daniel: Se você fosse uma música, que música você seria?***[Canta e toca na viola caipira a música “Tristezas do Jeca”, composição de Angelino de Oliveira]:*

*Nesses versos tão singelos
Minha bela, meu amor
Pra micê eu quero contar
O meu sofrer, a minha dor*

*Eu sou como um sabiá
Quando canta é só tristeza
Desde o galho onde ele está*

*Nessa viola eu canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade*

*Vou parar com minha viola
Já não posso mais cantar
Pois o jeca quando canta
Dá vontade de chorar*

*E o choro que vai caindo
Devagar vai se sumindo
Como as águas vão pro mar
E o choro que vai caindo
Devagar vai se sumindo
Como as águas vão pro mar.*

Marcello: Eu seria essa música. *[Risos.]*

Domingos: Marcello, tem alguma coisa que a gente não tenha te perguntado ou alguma coisa que você queira falar que não foi dito?

Marcello: Não. Está ótimo esse papo.

Daniel: Você poderia deixar uma mensagem pros violeiros das novas gerações?

Marcello: Pois é. Não só esse disco, mas toda essa minha vontade de tocar viola e de falar de viola e de compor pra viola é uma vontade de levantar uma bandeira, para que as pessoas abram mais os olhos e se conectem com novas possibilidades culturais. A viola é só uma delas, ela é a bandeira que eu defendo, mas em volta da gente está cheio de cultura nova, e cheio de cultura antiga pronta pra ser descoberta. Que cada um abrace e se dê o trabalho de descobrir coisas novas, de não consumir só o que mandam a gente consumir, só o que é fácil. Pesquisar uma música, ir atrás de um violeiro, inventar uma história, isso é difícil, mas isso é bonito. É isso que vai alargar um nome e vai fazer construir novas histórias. Então, pros novos violeiros e pra todas as pessoas sedentas ou a fim de novas culturas, que se deem o trabalho, que pesquisem, que toquem. E que principalmente inventem uma nova história, que peguem o antigo. O antigo não está lá atrás pra ser observado de longe, o antigo está lá atrás pra que a gente o pegue... E traga ele de volta com uma nova roupagem. É isso!

Domingos: Coisa linda!

[Marcello e Domingos tocam instrumental na viola caipira a música "Tristezas do Jeca", composição de Angelino de Oliveira]
